

# CIDADÉVORA EDUCADORA

HABITAR A CIDADE, CONSTRUIR O ESPAÇO PÚBLICO

Newsletter

Évora, 27 de Setembro de 2012

Ano 1 N.º 7



“A educação formal, não formal e informal em Évora, Cidade Educadora” é o tema em debate esta quinta-feira 27 de Setembro, entre as 17.30h e as 20.30h no Condestável Café Bistrô, Rua Diogo Cão, 3, em Évora.

Da mesa motivadora desta reflexão conjunta fazem parte: o Professor Joaquim Felix, Director da Escola Secundária Gabriel Pereira em Évora; a Professora Maria de Jesus Florindo, Presidente da Universidade Senior de Évora; e o Sr. José Saloio, actor, encenador e animador cultural reconhecido na cidade.

A moderação está a cargo do Prof. Doutor José Carlos Bravo Nico, docente do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

Este é o sétimo de um ciclo de debates intitulado "Habitar a Cidade. Construir Espaço Público" a decorrer durante o ano de 2012, organizado pelo CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades) e pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Évora.

São convidados a participar todos os cidadãos interessados.

## Educação formal, não formal e informal: três conceitos vizinhos



Foto: Joaquim Carrapato

A educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias — escolas e universidades — onde o aluno deve seguir um programa pré determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição.

A educação não formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogéneo. A aprendizagem não formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Finalmente, a educação informal ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais. (1) Partindo dos conceitos de educação formal, não formal e informal, propomos para este debate quatro perguntas:

**1. Será cada uma destas três formas de**

**educação igualmente reconhecida na sociedade eborense?**

**2. No caso de se verificar para cada uma das abordagens (formal, não formal e informal) níveis de afirmação e reconhecimento social diferentes que consequências resultam para a cidade?**

**3. Que relação se verifica na cidade de Évora entre os três níveis de abordagem educativa? Será possível ou desejada uma maior aproximação entre a esfera da Escola, das instituições não formais de educação e da consciência educadora da cidade?**

**4. Que consequências se podem perspectivar para Évora, cidade educadora, no caso de um maior compromisso entre as três esferas acima definidas?**

(1) Chagas, I. (1993). Aprendizagem não formal/formal das ciências: Relações entre museus de ciência e escolas. Revista de Educação, 3 (1), 51-59. Lisboa.



## Tema

# A questão da educação formal / não formal

M. Gadotti (\*)

## Pode a cidade educar?

A julgar pelos que defendem o conceito e a prática da “cidade educadora”, a resposta é sim. (...)

A cidade pode ser “intencionalmente” educadora. Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa, quando, além de suas funções tradicionais – económica, social, política e de prestação de serviços – ela exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. Para uma cidade ser considerada educadora ela precisa promover e desenvolver o protagonismo de todos e de todas – inclusive das crianças – na busca de um novo direito, o direito à cidade educadora: “enquanto educadora, a Cidade é também educanda. Muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exercemos o poder na Cidade e o sonho ou a utopia de que embebamos a política, a serviço de quê e de quem a fazemos” (Freire, 1993:23). O direito à cidade é essencialmente um direito à informalidade, direito à educação não-formal.

## [ A cidade que educa ]

(...) Na cidade que educa todos os seus habitantes usufruem das mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal e de entretenimento que ela oferece. O “Manifesto das Cidades Educadoras” aprovado em Barcelona em 1990 e revisado em Bolonha em 1994, afirma que “a satisfação das necessidades das crianças e dos jovens, no âmbito das competências do município, pressupõe uma oferta de espaços, equipamentos e serviços adequados ao desenvolvimento social, moral e cultural, a serem partilhados com outras gerações. O município, no processo de tomada de decisões, deverá levar em conta o impacto das mesmas. A cidade oferecerá aos pais uma formação que lhes permita ajudar os seus filhos a crescer e utilizar a cidade num espírito de respeito mútuo. Todos os habitantes da cidade têm o direito de refletir e participar na criação de programas educativos e culturais, e a dispor dos instrumentos necessários que lhes permitam descobrir um projeto educativo, na estrutura e na gestão da sua cidade, nos valores que esta fomenta, na qualidade de vida que oferece,

nas festas que organiza, nas campanhas que prepara, no interesse que manifeste por eles e na forma de os escutar”.

## [ A escola cidadã ]

Nesse contexto, o conceito de Escola Cidadã, tal como o desenvolveu o Instituto Paulo Freire de São Paulo (Brasil) ganha um novo componente: a comunidade educadora reconquista a escola no novo espaço cultural da cidade, integrando-a a esse espaço, considerando suas ruas e praças, suas árvores, seus pássaros, seus cinemas, suas bibliotecas, seus bens e serviços, seus bares e restaurantes, seus teatros e igrejas, suas empresas e lojas... enfim, toda a vida que pulsa na cidade. A escola deixa de ser um lugar abstrato para inserir-se definitivamente na vida da cidade e ganhar, com isso, nova vida, superando a tradicional dicotomia entre a educação formal e a educação não-formal. A escola transforma-se num novo território de construção da cidadania.



(...) Podemos falar de Escola Cidadã e de Cidade Educadora quando existe diálogo entre a escola e a cidade. Não se pode falar de Escola Cidadã sem compreendê-la como escola participativa, escola apropriada pela população como parte da apropriação da cidade a que pertence. Nesse sentido Escola Cidadã, em maior ou menor grau, supõe a existência de uma Cidade Educadora. Essa apropriação se dá através de mecanismos criados pela própria escola, como o Colegiado escolar, a Constituinte Escolar, plenárias pedagógicas e outros. Esse ato de sujeito da própria cidade leva para dentro da escola os interesses e necessidades da população. Esse é o “cenário” da cidade que educa no qual as práticas escolares possibilitam qualificar tanto a leitura da palavra escrita como a “leitura do mundo” (Paulo Freire). A cidade que educa não fica no imediato, mas aponta para uma compreensão mais analítica e reflexiva tanto dos problemas do cotidiano quanto dos desafios do mundo contemporâneo .

## Quando é que podemos falar em cidade que educa?

Podemos falar em cidade que educa quando ela busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa, quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade.

Essa não é uma tarefa “espontânea” das Cidades. Precisamos de vontade política e de uma perspectiva histórica. “A tarefa educativa das Cidades se realiza também através do tratamento de sua memória e sua memória não apenas guardada, mas reproduz, estende, comunica-se às gerações que chegam. Seus museus, seus centros de cultura, de arte são a

alma viva do ímpeto criador, dos sinais da aventura do espírito” (Freire, 1993:24).(...)

## Qual é o papel da escola na cidade que educa?

O papel da escola (cidadã), nesse contexto é contribuir para criar as condições que viabilizem a cidadania, através da socialização da informação, da discussão, da transparência, gerando uma nova mentalidade, uma nova cultura, em relação ao caráter público do espaço da cidade. Há uma concepção neoliberal da cidade que a considera apenas como um mercado. Nesse caso, a pedagogia neoliberal objetiva formar consumidores para o mercado. Por outro lado, há uma concepção emancipadora da cidade que já vem sendo defendida desde os anos 70. Foi Edgar Faure em seu Relatório preparado para a UNESCO no Ano Internacional da Educação (1970) e publicado em 1972

com o título “Apprendre a Être” que aparece pela primeira vez a expressão “cidade educativa” referindo-se a um processo de “compenetração íntima” entre educação e “vida cívica” (Faure, 1972). Para essa concepção da educação o papel da escola é formar cidadãos.

Numa perspectiva transformadora a escola educa para ouvir, respeitar e valorizar as diferenças, a diversidade que compõe a cidade e que se constitui na sua grande riqueza. O cidadão da cidade educadora presta atenção ao diferente e também ao “deficiente”, ou melhor, ao portador de direitos especiais. Para que a escola seja espaço de vida e não de morte, ela precisa estar aberta para à diversidade cultural, étnica e de gênero e às diferentes opções sexuais. As diferenças exigem uma nova escola.

O grande desafio da escola numa cidade educativa é traduzir esses princípios em experiências práticas inovadoras, em projetos para a capacitação cidadã da população, para que ela possa tomar em suas mãos os destinos da sua cidade. Diante dos novos espaços de formação criados pela sociedade da informação, ela os integra e articula. Ela deixa de ser “lecionadora” para ser cada vez mais “gestora” da informação generalizada, construtora e reconstrutora de saberes e conhecimentos socialmente significativos. Portanto ela tem um papel mais articulador da cultura, um papel mais dirigente e agregador de pessoas, movimentos, organizações e instituições. Numa sociedade de redes e de movimentos, numa sociedade da informação, o papel social da escola foi consideravelmente ampliado. É uma escola presente na cidade e que cria novos conhecimentos sem abrir mão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, uma escola científica e transformadora.

(\*)Gadotti, M., 2005, “A questão da Educação Formal /não formal”, Sion, (Suisse).

## Fotógrafo por paixão

*Joaquim Alberto Lourinho Carrapato não é fotógrafo profissional. Foi bancário. Tem 60 anos. O tempo de aposentação permite-lhe dedicar-se à fotografia que assume como uma paixão. Évora desafia-o quotidianamente. A si e à sua objectiva. “O meu compromisso é para com a cidade e proponho-me mostra-la tal como a sinto” declara Joaquim Carrapato no blog <http://evorapromundo.blogspot.pt>, onde vai alojando parte dos seus olhares sobre esta cidade onde vive.*

*São olhares de Joaquim Carrapato que juntamos este mês aos de outros seis fotógrafos eborenses que muito gentilmente já colaboraram neste trabalho sobre Évora Cidade Educadora.*



ÉVORA CIDADE EDUCADORA 2012  
ciclo de debates

**HABITAR  
A CIDADE  
CONSTRUIR  
O ESPAÇO  
PÚBLICO**

### O próximo debate

Na última quinta feira de Outubro, dia 25, entre as 17.30h e as 20.30h no Café Condestável ( Rua Diogo Cão, nº3 em Évora) o convite é renovado para debater o papel das empresas na construção de Évora, Cidade Educadora.

**Contactos** Mail: [cidadeeducadora@gmail.com](mailto:cidadeeducadora@gmail.com) Blogue: <http://evoracidadeeducadora.blogspot.com/>

Facebook:: [www.facebook.com/events/323727374325849/](http://www.facebook.com/events/323727374325849/)



CIDEHUS

u évora  
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



u évora  
Instituto de Investigação e  
Formação Avançada - IIFA

ALEMTUDO

